

A chuva faltou, fiquei sem nada: As consequências da seca em um poema de Carlos Severiano Cavalcanti

Livramento Fernanda de Lima Araújo
Claudenice da Silva Souza

Universidade Federal de Campina Grande (livfernanda2@gmail.com)
Universidade Federal de Campina Grande (clau909silva@gmail.com)

Resumo: Muitos autores produziram grandes obras tratando do sofrimento ocasionado pelas condições de vida advindas da seca nordestina. Existe, inclusive, uma gama de cordéis e canções produzidos com o objetivo de retratar o sofrimento do sertanejo em meio ao caos gerado pelo fenômeno natural. Autores como Graciliano Ramos, Terezinha Figueiredo, entre outros falam sobre esse mal, aquele no romance e esta em suas crônicas. A sensibilidade humana não permitiria que esse assunto tão denso e, por vezes, triste passasse despercebido diante dos olhos daqueles que por muitas situações já passaram, desde seu nascimento até a morte, em relação a esse quadro desolador, sob a sina da seca. O poema “Eu plantei em janeiro o meu roçado, mas a chuva faltou, fiquei sem nada” é composto por seis estrofes com dez versos cada e rimas intercaladas, como se fosse uma canção. O eu lírico fala de si, dos problemas encontrados ao longo dos seus dias para lidar com a vida de trabalhador nos chamados roçados do nosso nordeste. Ele descreve, em uma espécie de narrativa, a luta com a plantação e as dificuldades encontradas por culpa da seca. O próprio título já nos sugere o conteúdo do poema, o clima de expectativa que os sertanejos geram nas estações que preveem chuva, porém elas não chegam e quando resolvem vir são insuficientes. Nosso trabalho, portanto, tenta dar conta de uma sugestiva análise acerca de um poema de Carlos Severiano Cavalcanti, autor paraibano nascido em Campina Grande, pertencente ao livro *A gênese do tempo*, publicado em 2008.

Palavras-chave: Seca; Carlos Severiano Cavalcanti; Poesia; Nordeste.

Introdução

*Revelei o meu filme preto-e-branco,
o retrato exibiu sertanidade*

*No Nordeste, saí a cavalgar,
percorri o sobejo das restingas,
contornei as arestas das caatingas
sob o sol, procurei fotografar
a paisagem sem vida do lugar,
na intenção de mostrar a fealdade
do sertão quando traz a soledade
e borriça de suor o meu potranco.
Revelei o meu filme preto-e-branco,
o retrato exibiu sertanidade.*

Carlos Severiano Cavalcanti

Não é de hoje que as pessoas da região nordeste sofrem amargas penas com o sol escravizador e com as condições severas a cada dia de seca. Também não é inédito que muitos autores se utilizam da temática para criar crônicas, poemas, contos e outras obras tratando do sofrimento ocasionado pelas condições de vida de quem mora no sertão nordestino. Existe, inclusive, uma gama de cordéis e canções produzidos com o objetivo de retratar as batalhas do sertanejo em meio ao caos devido ao fenômeno natural. A sensibilidade humana não permitiria que esse assunto tão denso e, por vezes, triste passasse despercebido diante dos olhos daqueles que por muitas situações já passaram, desde seu nascimento até a morte, em relação a esse quadro desolador, sob a sina da seca.

Um dos mais conhecidos romances da literatura regionalista brasileira, por exemplo, é *Vidas secas*, que é a quarta obra do autor Graciliano Ramos. A narrativa retrata a história de uma família composta por Fabiano, Sinhá Vitória, sua esposa, seus dois filhos, denominados apenas como *Menino mais novo* e *Menino mais velho* e a cachorrinha Baleia. Eles estão em uma travessia à procura de um lugar melhor para viver por causa da grande seca que assolava a todos.

Dentre muitos escritores, Terezinha Figueiredo, por exemplo, é uma autora campinense na qual é possível encontrar escritos tematizando a seca, coisa que ela faz com afinco, beleza e extrema sensibilidade. Em um tom de nostalgia, a paraibana coloca em suas crônicas o cenário no qual vive e fala, diversas vezes, das pessoas que trabalham no campo, seus costumes e os trejeitos nordestinos.

Um outro autor que trabalha com poemas que contém características típicas do semiárido nordestino, assim como outras temáticas, é Carlos Severiano Cavalcanti, também nascido em Campina Grande. Nosso trabalho tenta dar conta de uma sugestiva análise acerca de um de seus poemas intitulado “Eu plantei em janeiro o meu roçado, mas a chuva faltou, fiquei sem nada”, pertencente ao livro *A gênese do tempo*, publicado em 2008.

A presença do semiárido na poesia de Carlos Severiano Cavalcanti

**Eu plantei em janeiro o meu roçado,
mas a chuva faltou, fiquei sem nada**

(a Myriam Brindeiro e Salete Cordeiro)

Fui ao silo e tirei toda a semente

que restava guardada há mais de um ano
e saí a plantar em solo plano
na esperança de inverno consistente.
O trovão ribombou e de repente
envolvi-me no som da trovoadas.
O riacho

rosnando na enxerada,

o meu milho pouquinho semeado.
Eu plantei em janeiro o meu roçado,
mas a chuva faltou, fiquei sem nada.

Trinta dias depois da plantação
eu gostava de ver meu milharal
verdejante, brilhando, colossal,
alegando meu frágil coração.
Fiz a limpa primeira na intenção
de arrancar todo o mato usando a enxada,
começava a limpar de madrugada
sem contudo sentir-me mais cansado.
Eu plantei em janeiro o meu roçado,
mas a chuva faltou, fiquei sem nada.

O pendão começou a tremular,
quando o sol assumiu a dianteira,
a trocar chão molhado por poeira,
a neblina deixou de borrifar,
a lavoura teimava em não murchar,
mas a haste do milho, já envergada
pendurava a boneca atrofiada
enquanto eu contemplava amargurado.
Eu plantei em janeiro o meu roçado,
mas a chuva faltou, fiquei sem nada.

Perdi tudo o que tinha de semente,
não deixei transformá-la no cuscuz,
carreguei cabisbaixo a minha cruz,

enfrentei a dureza do sol quente,
vejo agora o sofrer da minha gente
sem destino na terra desolada,
transeunte nas margens de uma estrada
indo à toa, sem rumo, em qualquer lado.
Eu plantei em janeiro o meu roçado,
mas a chuva faltou, fiquei sem nada.

Vejo a barra ao quebrar e fico atento,
para ver se a invernada inda retorna,
entretanto, a manhã já nasce morna,
o que traz para mim um desalento,
desespero ante a dor desse momento,
minha casa sem luz, vive apagada,
o sertão vendo a flora incinerada,
o seu povo sem rumo e flagelado.
Eu plantei em janeiro o meu roçado,
mas a chuva faltou, fiquei sem nada.

Já não ouço o cantar dos rouxinóis,
não escuto o arrulhar das juritis,
raramente ouço poucos bem-te-vis,
saltitantes nos galhos do cipós.
No horizonte tem mais pores de sóis
inundando de luz toda a chapada,
a paisagem cinérea iluminada
quando a lua esparrama o seu dourado.
Eu plantei em janeiro o meu roçado,
mas a chuva faltou, fiquei sem nada.

O poema “Eu plantei em janeiro o meu roçado, mas a chuva faltou, fiquei sem nada” é composto por seis estrofes com dez versos cada e rimas intercaladas. O eu lírico fala de si, dos problemas encontrados ao longo dos seus dias para lidar com a vida de trabalhador nos chamados roçados do nosso nordeste. Ele descreve, em uma espécie de narrativa, a luta com a plantação e as dificuldades encontradas por culpa da seca. O próprio título já nos sugere o conteúdo do poema, o clima de expectativa que os sertanejos geram nas estações que preveem chuva, porém elas não chegam e quando resolvem vir são insuficientes.

No primeiro verso, o eu lírico diz que foi ao *silo* retirar *toda a semente*. Sabemos que este objeto é utilizado como reservatório para armazenar os grãos recolhidos ao longo das colheitas. Talvez possamos inferir que a atitude de retirada total dos grãos revele a esperança de colher o dobro do que pôde plantar, almejando ter o que guardar por mais um longo tempo até a próxima invernada ou até mesmo o fato de ele estar tirando os últimos grãos por não ter nada além disso, quem sabe até “jogar com a sorte” para ver o que poderia conseguir. O segundo verso nos revela

que suas sementes permaneceram guardadas por mais de um ano, longo tempo que passou sem garantias de uma nova plantação.

De acordo com o terceiro verso, o cultivo foi realizado em solo plano e ele depositou grande expectativa na chuva pensando que conseguiria colher seus frutos. Assim como desejou, *o trovão ribombou* com a chuva preenchendo o riacho que *rosnou na enxurrada*. A personificação atribuída ao riacho faz com que imaginemos a ferocidade com que as águas chegaram a seu interior, podemos inferir que ela surgiu com força causando ainda mais esperança no coração do agricultor.

Os dois últimos versos – “Eu plantei em janeiro o meu roçado,/ mas a chuva faltou, fiquei sem nada” – vão se repetir sempre ao final de cada estrofe, configurando-se, portanto, como paralelismo e recorrência, atribuindo dessa forma ritmo ao poema. Lembramos que esses versos também se configuram como o título do poema que estamos aqui estudando. Em relação a eles, é importante apontar que o eu lírico situa temporalmente o momento em que plantou o seu roçado – em janeiro e que a conjunção adversativa que inicia o último verso – *mas* – anuncia também a tristeza do sertanejo, pois a tão esperada chuva não aconteceu.

É sabido por todos que o forte período de seca presente na região nordeste desestabiliza a população desde sempre, causando grande tristeza em quem tanto necessita dos produtos que só podem existir através de um bom inverno. É do conhecimento de todos que a plantação fica comprometida e que, conseqüentemente, há prejuízos para as famílias, pois elas necessitam da renda obtida através do plantio para sobreviver. Dentre inúmeros estudiosos que muito conhecem a respeito dessa temática, Sáber (1990, p. 149) afirma que

os grupos humanos dos sertões secos aprenderam a conviver com o ambiente semi-árido, seus rios periódicos, seus solos de difícil manejo e sua estrutura agrária certamente muito arcaica e inflexível. Mas os homens dos sertões não podem resistir normalmente perante os anos de grande seca em que falta água para o gado e as plantações (...).

Pelas palavras do autor, refletimos em relação ao fato de que os sertanejos já se habituaram ao clima constante de extrema aridez, à falta permanente de água para consumo e obviamente com todas as conseqüências trazidas por nosso clima. Exatamente por causa de tais fatos é que há o armazenamento de grãos, afim de que possam garantir sua subsistência ao longo dos dias difíceis nos quais esperam pela vinda das chuvas. De acordo com Sáber (1990), a resistência não ocorre de forma normal nos anos de muita seca tendo em vista que a água é essencial para os animais e para as lavouras. Ou seja, há uma grande dificuldade no armazenamento.

A segunda estrofe começa com o tempo decorrido após a plantação a partir do número cardinal – trinta – e do advérbio de tempo *depois*. O eu lírico fala de sua satisfação e relembra – verbo *gostar* no pretérito imperfeito do indicativo – através da sequência de termos (adjetivos e verbo), no terceiro verso, o quão próspero estava o seu roçado, alegrando assim o seu fragilizado coração. O adjetivo *frágil* revela uma espécie de confissão ou um pouco do sofrimento, da mágoa e do esforço desse homem que muito já batalhou na vida. Como homem do campo que é, não desistia de sua plantação e acordava de madrugada para capiná-la, mas não reclamava de sua lida, como podemos ver no oitavo verso no qual ele afirma não se cansar.

O primeiro verso da terceira estrofe inicia de forma diferente da outra, pois, enquanto o anterior falava da fartura que vinha posterior a chuva, neste, nós temos as consequências da temida seca. A cada verso, sentimos a dor do eu lírico ao lermos sobre o definhamento das coisas ao seu redor, incluindo seu meio de sobrevivência. O Sol já começava a reinar e a poeira aparecia. O chão molhado e a neblina haviam sumido. Esse era o contexto que causava tristeza ao eu lírico. Mesmo assim, o quinto verso anuncia a luta da lavoura contra o sol escaldante.

No sexto verso, de novo a conjunção adversativa *mas* a revelar o contrário: a haste do milho já estava envergada, pois não tinha mais forças para suportar a falta de água que a alimenta. Dois adjetivos chamam atenção sobremaneira no sétimo e no oitavo versos: *atrofiada* e *amargurado*. O primeiro caracteriza a boneca do milho – sem vida, torta, seca – e o segundo revela os sentimentos do eu lírico diante da derrota e da perda para a seca. Todo o trabalho realizado com empenho até mesmo durante a madrugada foi perdido. E novamente ele relembra, numa espécie de mantra doloroso, que plantou em janeiro o seu roçado, porém a chuva não chegou e ele ficou sem nada.

A reflexão após a perda aparece na quarta estrofe. Sua melancolia diz respeito ao fato de ter perdido todas as sementes e nem mesmo ter permitido que fizessem delas o conhecido cuscuz, como se isso fosse um ato de castigo – a si mesmo ou à natureza – ao não transformar as espigas atrofiadas em alimento. Pelo que percebemos preferiu, portanto, carregar a sua cruz, afirma em uma ação quase religiosa diante do sentimento de derrota no terceiro verso da quarta estrofe, como se se arrependesse de ter utilizado as únicas sementes que lhe restara, que haviam sido guardadas por mais de um ano e quisesse ou devesse agora conviver com a culpa de ter acreditado que a chuva viria. É perceptível um sentimento de desolação e talvez até mesmo de desespero perante a situação que vivencia.

A solidariedade se faz presente nas reflexões do eu lírico a partir do quinto verso. Ele entende que sua gente está sem destino, “indo à toa, sem rumo, em qualquer lado”, isto é, a incerteza toma

conta dos pensamentos do eu lírico e o medo se instaura nos versos. O adjetivo *desolada* atribuído ao substantivo *terra*, presente no sexto verso, contribui para a sensação de profunda desilusão sentida pelo sertanejo bombardeado pela seca. Em decorrência disso, como explica Sáber (1990), há o desemprego rural e também a insegurança nas famílias, o que causa, portanto, a imigração para os grandes centros urbanos. Esse fato faz jus ao que o poeta fala em relação a seu povo, que vai à toa e sem destino procurar oportunidades de vida em quaisquer lugares que lhes ofereçam alguma segurança, pois a esperança é, inegavelmente, também uma constante na vida dos sertanejos que estão se sentem desolados por causa da seca.

A crença na ideia de que o inverno pode surgir faz o eu lírico olhar para o céu à procura de sinais, como vemos na quinta estrofe, na esperança de perceber algum indício de chuva. Entretanto, há a presença de mais uma conjunção adversativa – o que parece se configurar como uma constante no estilo autor, constatamos – no terceiro verso, que quebra essa linha de expectativa criada por si próprio, pois “a manhã já nasce morna”. Esse verso nos traz a ideia de calor, que é ao contrário, portanto, de um dia em que porventura viesse a chover ou no qual estivesse se preparando para tal fenômeno.

Para ele, esse sinal adverso do que esperava lhe traz desalento e o faz esmorecer, desanimar. Ele passaria mais uma época de necessidades e privação, o que, indubitavelmente, o desespera. Ao dizer que sua “casa sem luz, vive apagada”, apresenta a ausência de alternativa para o conflito social pelo qual passa com toda a sua gente. Parecia faltar o essencial: uma luz que clareasse e lhe tirasse dos tristes problemas que enfrentava. “O cotidiano do sertanejo está marcado pelo ritmo e as irregularidades das condicionantes climáticas, hidrológicas e ecológicas. A sociedade sertaneja paga tributos múltiplos envolvendo, a um só tempo, a natureza, a economia local e a economia nacional” (SÁBER, 1990, p. 160). Justamente por causa dessas irregularidades temporais das quais nos fala o autor é que o eu lírico sofre e teme por seu futuro e de todos à sua volta.

Nos oitavo e nono versos da mesma estrofe, há a personificação do sertão, pois o poeta diz – no sétimo verso – que o sertão vê as plantas queimadas pelo sol causticante e o povo sem rumo e sofrido. É nítida a ideia de que essa gente peleja por algo bom. Porém, como infelizmente não consegue há a necessidade de rumar para outras terras que lhes possibilitem viver, trabalhar e sonhar.

Em relação a isso, Sáber (1990, p. 160) defende que

o apelo à emigração para distantes mercados de trabalho, desenraíza membros do grupo de família e ameaça transformar os remanescentes em minguados grupos de pessoas muito jovens ou muito velhas. Para as quais não existem saídas sócio-

econômicas, a curto ou médio prazos: emigram os jovens mais fortes e ousados; restam crianças, anciões e vencidos.

Pelas palavras do autor, percebemos que a falta de oportunidades em suas terras, o desalento diante do clima, por vezes, causticante e o desejo de construir a vida em um local mais propício ao desenvolvimento financeiro estável são fatores que acarretam a emigração de diversas famílias nordestinas para outras regiões aparentemente melhores. Como afirma o autor supracitado, esse é um fenômeno social que acaba por desenraizar, ou seja, tirar de suas raízes pessoas que fazem parte do grupo familiar sertanejo na esperança de dias menos áridos e sôfregos. Quem fica, permanece no sofrimento e na eterna esperança de que tudo possa melhorar com o passar do tempo.

Voltando ao poema aqui discutido, vemos que a última estrofe demonstra a percepção do eu lírico em relação à saudade que sente ao não ouvir mais os cantos dos pássaros – rouxinóis, juritis e bem-te-vis, pois provavelmente haviam morrido assim como sua plantação ou talvez isso se deva ao fato de o eu lírico ter ido embora, falando hipoteticamente. Verbos como *cantar* e *arrulhar* lembram a alegria que já não existe da mesma forma que o adjetivo *saltitantes* e caracterizam um sentimento nostálgico por parte de quem fala no poema.

A partir do quinto verso, há a descrição do cenário que vemos através dos olhos do eu lírico. Ele diz que “no horizonte tem mais pores de sóis”, o que nos faz pensar que dia após dia a paisagem permanece a mesma: árida, cinérea e totalmente ressecada pelos fortes raios do Sol impiedoso. Havendo mais pores de sol é provável que o eu lírico faça referência à morte das árvores que existiam no sertão abrindo, portanto, espaço para que o grande astro ilumine o horizonte que um dia foi verdejante e agora se encontra acinzentado e que posteriormente a lua se apresenta no mesmo contexto.

Pensando na situação nordestina de aridez e sofrimento de que nos fala o poema, não poderíamos deixar de mencionar um especialista no assunto em questão.

As Caatingas semi-áridas, comparadas a outras formações brasileiras, apresentam muitas características extremas dentre os parâmetros meteorológicos: **a mais alta radiação solar, baixa nebulosidade, a mais alta temperatura média anual, as mais baixas taxas de umidade relativa, evapotranspiração potencial mais elevada, e, sobretudo, precipitações mais baixas e irregulares, limitadas, na maior parte da área, a um período muito curto no ano.** (Reis 1976 *apud* PRADO, 2003, p. 11, grifo nosso)

Como destacamos na citação do autor, há fatores naturais que justificam e são responsáveis pela situação de seca de nossa região que vão desde os mais altos índices de radiação solar – que tanto prejudica as lavouras fazendo com que as plantas sequem – até as menores e irregulares precipitações de chuva. Tudo isso caracteriza o cenário sertanejo de forma que a situação descrita pelo eu lírico no poema representa esse quadro desolador, mas também solidário e esperançoso.

Considerações finais

Assim como muitos autores, o poeta Carlos Severiano Cavalcanti também traz a temática da seca e da luta nordestina pela sobrevivência de maneira lírica. Nos primeiros versos, ele apresenta perseverança através da voz do eu lírico. Porém, sempre nos últimos dois versos de cada estrofe, ele desconstrói a felicidade ao dizer que plantou em janeiro o seu roçado, mas a chuva não veio e ele acabou ficando sem nada, o que demonstra a tristeza e a desolação perante a incerteza que o sertanejo sente pelo mal que a seca ocasiona às suas plantações.

O autor não se esquece de mencionar a paisagem presente no sertão nordestino que, em épocas de chuva, se apresenta como um manancial de rios a transbordar e campos verdejantes com belas árvores. Entretanto, esse quadro não perdura por muito tempo, tendo em vista que o excessivo calor e a forte radiação solar destroem tudo ao seu redor transformando os riachos em buracos secos e as plantações e florestas em uma área cinzenta de galhos sem vida.

Ao perceberem que a terra não dá frutos, os trabalhadores migram para terras que consideram mais propícias para o início de uma nova vida longe de tantos problemas advindos da sequeidão. Assim também é relatado no poema do autor, pois ele reuniu em seis estrofes de uma forma geral as mazelas vividas por quem convive com a aridez dentro desse cenário.

Referências bibliográficas

CAVALCANTI, Carlos Severiano. **A gênese do tempo**. Recife: Edição do Autor, 2008. 306 p.

PRADO, Darién E. As caatingas da América do Sul. In.: **Ecologia e conservação da caatinga** / editores Inara R. Leal, Marcelo Tabarelli, José Maria Cardoso da Silva; prefácio de Marcos Luiz Barroso Barros. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2003: 03-74.

SÁBER, Aziz Ab. **FLORAM: nordeste seco**. Estud. av. v.4 n.9 São Paulo maio/ago, 1990.